

NYUSI REELEITO PRESIDENTE DA FRELIMO

## Eleição com 100% dos votos reflecte a cultura de autoritarismo que marca a liderança de Filipe Nyusi

- Sem surpresas, Filipe Nyusi foi reeleito ontem (domingo) Presidente da Frelimo com 100% dos votos. Uma reeleição que reflecte a “unanimidade” vigente no partido que governa Moçambique desde a Independência nacional, em 1975. Uma “unanimidade” imposta através da cultura de autoritarismo que marca a liderança de Filipe Nyusi nos destinos da Frelimo e de Moçambique. A repressão das liberdades fundamentais dos cidadãos que caracteriza o espaço cívico moçambicano também se faz sentir dentro do partido no poder.



O processo disciplinar visando expulsar Samora Machel Junior (filho do primeiro Presidente de Moçambique independente) por ter tentado concorrer a edil de Maputo através da lista de associação cívica (AJUDEM), nas eleições autárquicas de 2018; e mais recentemente a repreensão da Comissão Política contra Castigo Langa, membro do Comité Central, que pediu uma clarificação de Filipe Nyusi sobre os rumores de terceiro mandato, são apenas dois exemplos que exteriorizam a sedimentação do autoritarismo na Frelimo.

Castigo Langa usou dos seus direitos de membro do Comité Central e de cidadão moçambicano para interpelar o Presidente da Frelimo sobre os rumores de terceiro mandato. E fê-lo em sede própria, isto é, em plena sessão do Comité Central. Não foi fora dos órgãos do partido. Mas Nyusi percebeu o pedido de clarificação como uma afronta e usou a Comissão Política para repreender publicamente Castigo Langa. E deixou um aviso para todos os delegados ao XIIº Congresso sobre os riscos de questionar a liderança da Frelimo.

Por isso, a eleição com 100% dos votos não surpreendeu e documenta a arregimentação dos delegados e o medo pelo pensar diferente. A eleição com 100% dos votos também serve para dissimular o momento fracturante que o partido atravessa, representado pela “guerra aberta” entre Armando Guebuza e Filipe Nyusi. Em causa está o escândalo financeiro das “dívidas ocultas” que levou à detenção do filho (Ndambi Guebuza) e de antigos colaboradores de Armando Guebuza.

Ciente das clivagens internas, Joaquim Chissano fez questão de apelar à reconciliação dentro e fora da Frelimo. Reconciliação a todos os níveis. Uma tarefa nada fácil, mas necessária, conforme reconheceu Chissano. “Devemos nos reconciliar para podermos combater o tribalismo, para podermos falar uns com os outros”, apelou o Presidente honorário da Frelimo, momentos depois de conferir posse a Filipe Nyusi para o segundo



Créditos: RM

mandato em frente do partido no poder.

Para Chissano, a reconciliação é a coisa mais importante a alcançar, pois sem ela não haverá paz e os moçambicanos vão continuar em guerra uns contra outros. Recordando a sua experiência como Presidente da República, Chissano disse que teve que “engolir sapos vivos” para poder negociar com a Renamo o fim da sangrenta guerra dos 16 anos. E que agora é a vez de Filipe Nyusi “engolir sapos vivos” para negociar, porque o “país continua conturbado”.

Filipe Nyusi era candidato único e concorria para segundo mandato, depois de ter sido eleito pela primeira vez em 2017, no decurso do XIº Congresso que marcou o fim da liderança de Armando Guebuza. Participaram da votação 1.136 delegados ao Congresso e, apesar do registo oficial de 100% dos votos a favor de Nyusi, há indicação de que houve um voto em branco. Os Presidentes honorários da Frelimo, nomeadamente Joaquim Chissano e Armando Guebuza, não votaram

na eleição de Nyusi. Mas as esposas dos antigos Presidentes da Frelimo (Marcelina Chissano e Maria da Luz Guebuza) são delegadas ao Congresso com direito a voto.

Além da reeleição do Presidente da Frelimo, o terceiro dia do XIIº Congresso foi marcado pela proclamação de seis membros honorários do Comité Central, o mais importante órgão do partido. Os nomes foram propostos por Filipe Nyusi e incluem três membros fundadores da Frelimo e três antigos secretários-gerais do partido. São eles Feliciano Gundana, Lopes Tembe e João Munguambe (membros fundadores), e os antigos secretários-gerais Manuel Tomé (1995 – 2002), Filipe Paúnde (2006 e 2014) e Eliseu Machava (2014 – 2017).

Esta segunda-feira decorreu a votação para o Comité Central. O novo Comité Central deverá eleger, ainda hoje, a Comissão Política – o mais importante órgão gestor do partido no intervalo entre as reuniões do Comité Central.



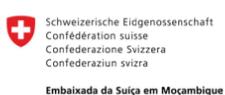
**INFORMAÇÃO EDITORIAL:**

**Propriedade:** CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Editor:** Emídio Beúla  
**Autor:** David Ferreira  
**Equipa Técnica:** Emídio Beúla , Dimas Sinoa, Américo Maluana  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.  
Telefone: +258 21 085 797

CDD\_moz  
**E-mail:** [info@cddmoz.org](mailto:info@cddmoz.org)  
**Website:** <http://www.cddmoz.org>

**PARCEIROS DE FINANCIAMENTO**



Embaixada da Suíça em Moçambique

